Universidades Lusíada

Matos, Margarida Gaspar de, 1956-
Nahama, Viviane
Petit, Frederique
Sacchi, Daniela

Social skills in children and adolescents : evaluation and intervention issues in school and clinical contexts

http://hdl.handle.net/11067/99
https://doi.org/10.34628/zfx9-nt65

Metadados

Data de Publicação 2010

Resumo O objectivo deste estudo é fazer uma revisão das diferentes investigações com utilização de uma escala de avaliação de competência social em crianças e adolescentes, bem como na avaliação de programas. Desde 1993,uma equipa de psicólogos tem-se preocupado com o desenvolvimento de instrumentos relevantes que permitam uma visão transcultural do comportamento social e da intervenção com jovens europeus com dificuldades de adaptação escolar. A escala de avaliação da competência social em banda des...

Palavras Chave Competências sociais em crianças, Competências sociais na adolescência

Tipo article

Revisão de Pares Não

Coleções [ULL-IPCE] RPCA, n. 02 (2010)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-18T11:34:16Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

SOCIAL SKILLS IN CHILDREN AND ADOLESCENTS: EVALUATION AND INTERVENTION ISSUES IN SCHOOL AND CLINICAL CONTEXTS

COMPETÊNCIA SOCIAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: QUESTÕES DE AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO NA ESCOLA E EM CONTEXTOS CLÍNICOS

Margarida Gaspar de Matos[1]
Viviane Nahama[2]
Frederique Petit[3]
Daniela Sacchi[4]

Abstract: This paper concerns a review of the different researches carried on by an European group, and the presentation of programs for promoting social competence and its evaluation

Since 1993, a team of psychologists have been concerned with the development of relevant tools which would allow a Trans-cultural view of social rehabilitation of European youngsters with adaptation difficulties. A competence scale for preadolescents and adolescents has been developed and used with different groups of youngsters in Portugal, in Italy and in France.

The discussion will concern the construction of this tool, the difficulties and limits of its use to evaluate intervention programs, the problems related to its use in clinical settings and the benefits of such trans-cultural approaches in evaluation and rehabilitation.

[1] Psicóloga. Professora FMH/ UTL e Investigadora da CMDTLa/ IHMT/ UNL. mmatos@fmh.utl.pt

[2] Psicóloga. Fondation Santé des Etudiants de France. LABORATOIRE DE PSYCHOLOGIE APPLIQUEE de l' URCA,

[3] Psicóloga. Service de Psychiatrie, Centre Hospitalier de Villeneuve Saint Georges, – Laboratoire de Psychopathologie et Processus de Santé

[4] Psicóloga Clínica. Association Italienne d'Analyse et Modification du Comportement et Thérapie Comportementales

Key words: evaluation, social Competence, children, adolescents, assertiveness, aggression, passivity

Resumo: O Objectivo deste estudo é fazer uma revisão das diferentes investigações com utilização de uma escala de avaliação de competência social em crianças e adolescentes, bem como na avaliação de programas.

Desde 1993, uma equipa de psicólogos têm-se preocupado com desenvolvimento de instrumentos relevantes que permitam uma visão transcultural do comportamento social e da intervenção com jovens europeus com dificuldades de adaptação escolar. A escala de avaliação da competência social em banda desenhada para crianças e adolescentes tem sido desenvolvida e utilizada com diferentes grupos de jovens, em Portugal, em Itália e em França.

A discussão vai debruçar-se sobre a construção do instrumento, dificuldades, limites e os problemas relacionados com sua utilização na prática clínica e sua avaliação e ainda com os benefícios de abordagens culturais na avaliação.

Palavras-chave: avaliação, competência social, crianças, adolescentes, assertividade, agressividade, passividade.

Comportamento social é, num sentido lato, um conjunto de acções, atitudes e pensamentos que o indivíduo apresenta em relação à comunidade, aos indivíduos com que interage e a ele próprio. A qualidade desta interacção é sobretudo resultante da conjugação de factores inatos e processos de socialização.

Cada vez mais o comportamento social tende a ser perspectivado segundo a interligação de vários subsistemas. Alguns estudos de carácter sociológico tendem a perder a parte pelo todo, e resultam por vezes num pensamento sem operacionalidade porquanto tudo depende de superestruturas; pelo contrário estudos com carácter experimental tendem a perder "o bosque pela árvore", porquanto descuram a complexidade dos processos envolventes, limitando-se a observar e manipular indivíduos singulares.

As dificuldades de relacionamento interpessoal aparecem-nos muitas vezes ligadas a outros problemas pessoais, escolares e sociais, como por exemplo condições psicopatológicas, o insucesso escolar, o consumo de substâncias (alcool, drogas, medicamentos), os comportamentos sociais desviantes e são identificáveis desde os primeiros anos de escolaridade.

A intervenção na área dos problemas de comportamento social deslocou-se de uma perspectiva da diminuição dos comportamentos considerados inadequados, concentrando-se mais em ajudar os indivíduos a desenvolver ao máximo as suas capacidades pessoais e relacionais, através da aquisição de novas competências sociais (para uma revisão ver Matos, 1998 e 2005), com estratégias de generalização das competências adquiridas ao contexto relacional do indivíduo.

A competência social traduz-se numa avaliação de um comportamento social enquanto comportamento adequado. Ora o mesmo comportamento social

às vezes é considerado adequado outras vezes é considerado inadequado às circunstâncias, dependendo de variáveis como quem, faz o quê, com quem, como, em que contexto, com que finalidade, com que resultado, uma vez que os padrões de relacionamento interpessoal variam grandemente de cultura para cultura e dentro da mesma cultura com a idade, género, estatuto socio-económico, educação.

Segundo Boisvert e Beaudry (1983), uma definição de competência social deverá ter em conta comportamentos observáveis e aspectos cognitivos, bem como as consequências de tais comportamentos sobre o envolvimento social. Elliott e Busse (1991) sublinham que as competências sociais são aprendidas, têm a ver com comportamentos verbais e não verbais, são específicas em função de diferentes situações,e têm a ver quer com comportamentos excessivos ou inibidos. (défice ou excesso comportamental).

Caballo (1987) descreve tipos de competências sociais como o dar e aceitar elogios, o expressar afecto, o iniciar e manter conversas, o defender direitos, o expressar opiniões incluindo o desacordo e desagrado, o desculpar-se, o lidar com críticas. Estas competências sociais incluem para além do aspecto comportamental aberto, variáveis cognitivas, tais como a capacidade de transformar e empregar a informação, o conhecimento de comportamentos socialmente competentes, o conhecer as posturas sociais, o conhecer diferentes tipos de resposta, o ser capaz de tomar o lugar do outro, a capacidade de identificar e resolver problemas sociais, o possuir estratégias que lhes permitam analisar o comportamento social dos outros.

O conceito de competência social, em certos autores, aparece-nos como sinónimo de afirmação de si (Boisvert & Beaudry 1983), noutros como sinónimo de assertividade ou asserção (Caballo, 1982), noutros como um conceito vizinho mas distinto, os vários autores vão apresentando várias diferenciações que divergem quanto ao foco, ao âmbito e à relevância desta diferença (para uma revisão ver Matos 1998; 2005). Torna-se assim um conceito difícil de definir, uma vez que os vários autores sublinham componentes diferentes

Por outro lado, desde as suas origens, o conceito de assertividade tem sido muitas vezes confundido com o de agressão, ainda que, como assinalaram alguns autores "a assertividade é um conceito bem diferenciado que indica a flexibilidade de adaptação", visto que significa que a pessoa tem capacidades sociais suficientes para fazer valer os seus direitos e expressar as suas necessidades, sem que, para tal, tenha que ser sempre agressivo, ou reivindicativo ou, pelo contrário, tímido (Cottraux 1979).

As relações interpessoais que podem ser percebidas como seguras, harmoniosas e estáveis conferem um grau de protecção e aumentam a probabilidade de que o jovem desenvolva um sentido de valor pessoal e a crença de que é capaz de enfrentar com êxito os desafios da vida presente. As relações interpessoais

satisfatórias representam portanto um poderoso factor de protecção. Como não é possível o controlo de todos os factores de risco para o desenvolvimento, há um interesse crescente em Saúde Pública, pela prevenção, pelo desenvolvimento de programas que aumentem a influência dos factores de protecção. Temos assim constatado o desenvolvimento de estratégias alternativas de intervenção, tanto na população em geral como em grupos de risco bem identificados.

A assertividade surge como o conceito-chave na prevenção do risco interpessoal: depende da capacidade de estabelecimento de relações interpessoais positivas e gratificantes que permitam a expressão de ideias, opiniões e sentimentos, ao mesmo tempo que reconhecem e respeitam os direitos dos outros. O comportamento assertivo manifesta-se na intensidade do olhar, na duração do discurso, na intensidade da voz, e na expressão verbal e não verbal da afectividade.

Pelo contrário, o indivíduo não assertivo/inibido apresenta um comportamento não-verbal que geralmente inclui um visual evasivo "desviando o olhar", cobre a boca com a mão, manifesta o seu mal-estar por pequenos gestos nervosos e rápidos, encolher de ombros, discurso hesitante interrompido por pausas, tiques oculares. Esta expressão não-verbal transmite uma sensação de fraqueza, vulnerabilidade e ansiedade que reduzem o impacto do discurso verbal. A pessoa não assertiva/agressiva utiliza um contacto visual sustido, uma voz estridente, um timbre sarcástico, um espaço interpessoal reduzido e ameaçador, uma postura tensa e arrogante, gestos largos e rápidos que são percebidos como uma ameaça. (McFall, 1982; Matos, 1998; Felner, Lease, Phillips, 1990)

A assertividade envolve também um pormenor mais subtil: a capacidade de percepção do momento certo "adaptado para a defesa de um direito pessoal, por exemplo, mas também o conceito de "tacto" quando se trata de estabelecer um contacto interpessoal socialmente complexo ou potencialmente conflituoso. Não devemos confundir a espera pelo "momento oportuno" com a "não afirmação", nem o tacto com a passividade. A pessoa assertiva sabe esperar pelo no momento certo e sabe perceber a disponibilidade ou a falta de disponibilidade dos outros. É socialmente síncrona.

Embora a agressão tenha um elevado valor instrumental, o resultado imediato de comportamento agressivo é proporcionar uma sensação de poder que alivia emocionalmente a curto prazo. No longo prazo, porém, a sensação tende para a perda, impotência, incapacidade de estabelecer ou manter relações interpessoais gratificantes. A pessoa agressiva desenvolve um sentimento permanente de hiper-vigilância. O comportamento não-afirmativo pode ter um efeito passificador, quando acalma os outros e evita os conflitos, mas pode também ter um efeito exacerbador da hostilidade permitindo a evolução de situações de intimidação para conflitos mais graves no futuro. Os custos pessoais dos défices por excesso ou por defeito de assertividade são muito elevados. Os défices provocam uma perda de auto-estima, sentimentos de dor e raiva contida, tensões internas,

muitas vezes reprimidos e que se manifesta por queixas somáticas e que, por vezes, resultam em depressão generalizada. (Matos, 1998 Matos, 2005 Matos & Sampaio, 2009)

Há um certo consenso quanto ao processo de aquisição do comportamento social. O processo de aquisição parece idêntico ao dos comportamento observável (Argyle, 1981): é com a prática que se desenvolvem as competências sociais. Podemos aprender a observar, a identificar situações problema e, então, decidir e agir com o máximo de benefícios e o mínimo de erros ou esforço desnecessário. As crianças vêem os seus pais que interagem entre si e com os outros e assim aprendem ao mesmo tempo um estilo relacional. As componentes verbais e não verbais da comunicação interpessoal, o tipo de abordagem e resolução de problemas e de conflitos, a capacidade de negociação são são outros tantos componentes da aprendizagem social que se efectuam pela observação dos modelos e dos estilos parentais (Matos, 1998).

A competência social inclui inicialmente a percepção da compreensão do mundo social – esta é a forma como as pessoas comunicam, considerando os diferentes contextos e as complexidades das relações interpessoais (McFall, 1982).

Num segundo tempo, esta informação é integrada de modo a compreender a situação, a prever soluções possíveis, a prever as consequências de cada decisão e, finalmente, a decidir e a gerar a resposta comportamentalmente aberta.

Ao avaliar alguém como tendo um défices ao nível das capacidades sociais, considera-se quase sempre uma ou mais dos três níveis em que o défice se manifesta de modo observável: ao nível perceptivo (a pessoa tem dificuldade de identificação da situação social que constitui o problema), ao nível cognitivo (a pessoa tem dificuldade de identificação dos objectivos, de prever as consequências das suas acções e de tomar decisões decisões) ou ao nível comportamental (a pessoa tem dificuldade de execução da resposta escolhida). No entanto, antes de considerar um comportamento como "socialmente competente" ou como "não competente", raramente são tidos em conta as relações pré-existente entre as partes interessadas, a sua situação social, a sua cultura. Por aqui se vê que se a avaliação da competência social é um processo complexo.

Algumas escalas foram desenvolvidas e são frequentemente usadas apesar de suas limitações. É o caso da escala de Rathus (MacCormick, 1984), por exemplo, que é suficiente sensível para distinguir fóbicos sociais de sujeitos assertivos (não fóbicos sociais), mas que não permite discriminar entre indivíduos muito assertivos e sujeitos agressivos. Não podemos avaliar, na verdade, a partir desta escala, se quando o sujeito actua para defesa dos seus direitos, o faz de modo assertivo ou agressivo.

Num estudo trans-cultural, Matos, et col (1992) incluiram 96 adolescentes com dificuldades de adaptação na escola, com idade entre 11 a 17 anos, dos dois sexos (N = 54 meninos e 42 meninas) com idade média de 13,9 anos (DP 1, 3)

de nacionalidade francesa (N = 47; Paris) e portuguesa (Lisboa N = 49) e forneceu algumas pistas sobre as dificuldades de avaliação. Entre os adolescentes do estudo 67 foram considerados pelos seus professores como bastante inibidos e 23 considerados bastante agressivos. Os estudantes responderam todos à escala de assertividade de Rathus (MacCormick 1984, versão portuguesa e francesa usadas na sua prática clínica pela equipa Franco-Portuguesa).

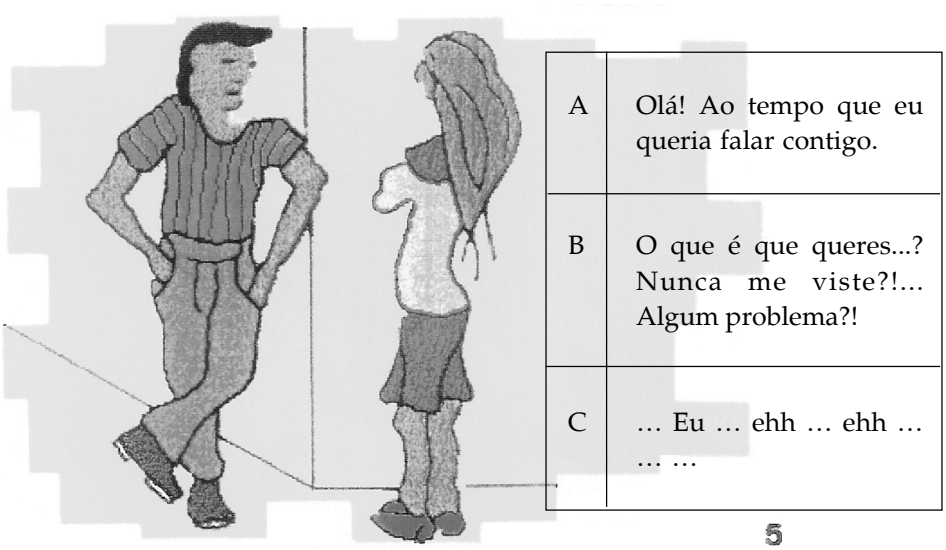
Aqueles que tinham sido considerados pelos professores como inibidos obtiveram uma classificação significativamente mais baixa no Rathus. Pelo contrário, os 23 alunos considerados agressivos, obtiverem uma pontuação na escala de assertividade de rathus, significativamete superior, isto é, aparecem como significativamente mais assertivos (e não como agressivos). Os resultados sugerem que o Rathus é uma medida sensível para detectar adolescentes inibidos, mas carece de valor discriminatório para diferenciar adolescentes agressivos dos adolescentes assertivos. A escala Rathus concluem os autores (Matos et col, 1992) sendo uma medida sensível em populações clínicas fóbicas sociais, deve ser usado com precaução com alunos com problemas de comportamento, uma vez que identifica incorrectamente alunos agressivos como afirmativos.

Para melhorar a avaliação do comportamento social (inter pessoal), este grupo de psicólogos desenvolveu a partir da escala de Rathus uma escala de avaliação da competência social a fim de resolver o problema da discriminação entre os jovens agressivos e jovens assertivos. O instrumento deveria pois permitir a avaliação de défices por defeito (Comportamento inibido versus reivindicado), mas também défices por excesso (Comportamento agressivo versus assertivo).

O grupo de investigadores entrou em acordo num primeiro tempo, sobre o que seriam respostas tipo assertivo, inibido e agressivo às situações propostas na escala de Rathus, e em seguida desenvolveu uma escala em banda desenhada, com três tipos de resposta a cada uma das 14 situações propostas, afim de aumentar a validade ecológica e a compreensão das situações sociais entre os jovens estudantes europeus independentemente da sua origem social e cultura/ /nacionalidade. Na elaboração da ECSBD, as respostas foram descritas como assertivas, agressivas e inibidas por um painel de quatro psicólogos peritos, transculturais e multilingues, que só retiveram as respostas para as quais tinham uma concordância de 100%. Estes peritos consideraram as respostas seleccionadas como representativas, na cultura europeia, de respostas socialmente percebidas como assertivas, agressivas ou inibidas

A Escala de Avaliação de Competência Social em Banda desenhada (ECSBD: Escala Ajustamento Social, Matos, 1993), ficou então composta por 14 desenhos, representando 14 situações sociais. Cada desenho da banda desenhada permite uma escolha entre três tipos de respostas possíveis: inibida, assertiva, agressiva. As instruções forçam uma escolha entre uma das três formas de reacção, identificando aquela mais frequente e espontaneamente utilizada pelo jovem.

Figura 1. Exemplo de situação de avaliação da competência social em BD (Matos et al. 1993), ilustrações de Eduardo Salavisa, versão original em Português com traduções disponíveis em, francês, italiano, inglês e espanhol)



Que sorte! Ele/Ela vem ter comigo! (e tu gostavas de o/a conhecer).

A Escala de avaliação da competência Social em banda desenhada (ECSBD) foi originalmente construída em Português. Foi re-elaborada quando da construção de outras versões que mais do que traduções são adaptações transculturais: versão Francesa (ECSBD = Echelle de compétence sociale en bande dessinée Viviane Nahama-Frédérique Petit, em 1993), versão italiana (SAS = Social Scala adattamento Danila Sacchi, em 1993),

Um estudo inicial português (Matos et col, 1993; Matos, 1993) incluiu 60 adolescentes, 37 meninos e 23 meninas, adolescentes considerados agressivos (N = 24) ou inibidos (n = 36), por consenso do conselho de turma. A média de idade era 14 anos (DP 1,5). Estes estudantes responderam à escala Rathus e à ECSBD. O estudo revela que as situações sociais onde é mais fácil que os jovens se afirmem são aqueles onde existem interacções com amigos e que as situações sociais onde é mais comum que sejam inibidos são aquelas em que existem interacções com adultos (pais, professores, adultos em lugares públicos, por exemplo, lojas). Os adolescentes mostraram-se mais agressivos nas situações em que tinham de responder em defensa dos seus direitos. Os rapazes utilizam mais

frequentemente respostas agressivas e as meninas com maior frequência respostas inibidas nas situações sociais apresentadas na banda desenhada. O grupo de estudantes considerado "agressivo" por parte dos professores foi constituído maioritariamente por rapazes, estes deram respostas significativamente mais agressivas para a BD e um tiveram um resultado significativamente maior no Rathus (Afirmação de si em excesso). O grupo considerado inibido por parte dos professores foi constituido maioritariamente por raparigas, o número de respostas agressivas à BD foi significativamente menor o resultado na Rathus significativamente menor (falta de assertividade).

A análise de componentes principais revelou que as respostas à EACSBD definiram dois eixos ortogonais que explicam 99,97% dos resultados de variância (valor do eixo 1 eigen 1,84, variância explicada 61,54% e o valor do eixo 2 eigen 1,15, variância explicada 38,43%). No Eixo 1 foi identificado como o eixo "afirmação versus agressividade" e o eixo 2 "não inibição versus inibição".

A pontuação geral na Rathus foi, a título meramente "ilustrativo", incluída nesta análise e apareceu apenas associada ao eixo 2. A assertividade estimada pela Rathus opõe-se assim às respostas inibidas na ECSBD mas não às respostas agressivas avaliadas pela ECSBD.

Neste estudo, após classificação hierárquica, três classes homogéneas de alunos foram identificadas: Classe 1 – alunos assertivos (n = 24), classe 2 – alunos inibidos (n = 25) e Classe 3 – alunos agressivos (n = 11).

Os alunos pertencentes a essas 3 classes respondem às situações da BD escolhendo de um modo mais frequente e significativamente discriminativo, respectivamente soluções assertivas, inibidas e agressivas, tal como previsto, demonstrando uma melhor validade discriminatória que a escala de Rathus.

Essa escala tem sido utilizada com diferentes grupos de adolescente agressivos e inibidos, em Portugal (Matos, et al, vários 1993-2010.), em Itália (Sacchi, 1995, 1996,1997), e em França, (Petit 1994, 1996; Nahama et col 1995, 1996; 1997) . Uma versão adulta foi depois desenvolvida, usada num hospital de dia psiquiátrico (Matos et al, 1994b). O desenvolvimento de versões adaptadas especificamente a populações migrantes tem sido discutida (Matos, 1996, 2002, 2003), bem como a utilidade desta escala no acompanhamento da evolução da agressividade interpessoal em delinquentes jovens e em adultos reclusos, que sugere num estudo utilizando a ECSBD, a escala de assertividade de Rathus e a escala de agressividade de BUSS, que nos adultos há menos agressividade física e verbal (violência física e verbal) e menos agressividade emocional (Ira) medidas pelo BUSS mas maior agressividade cognitiva (hostilidade) também medida pelo BUSS. Na ECSBD os mais velhos são igualmente agressivos mas menos assertivos (Matos et col. 1997).

Mantendo o objectivo de avaliação dos efeitos das intervenções num pequeno cenário inter-cultural (Portugal, França e Itália), os autores têm-se reunido em

congressos de psicoterapia com vista à troca de resultados obtidos em diferentes contextos clínicos.

Um transcultural foi realizado com 99 adolescentes europeus com dificuldades de aprendizagem e de ajustamento social (68 meninos e 31 meninas), (22 italianos, 32 franceses, 45 portugueses), com idade média de 14 anos (Matos et al, 1995) para avaliar a sensibilidade da ECSBD e do Rathus.

Os alunos responderam à escala Rathus, à ECSBD e foram ainda classificados pelos professores como agressivos ou inibidos nas interacções sociais. Os adolescentes italianos responderam de modo mais afirmativo na Rathus do que os adolescentes de outras nacionalidades e de modo mais agressivo na ECSBD o que confirma as opiniões expressas pelos professores. O Rathus, considerou de novo o grupo mais agressivo como sendo mais assertivo.

Estudos preliminares utilizando a Escala de Competência Social em Banda desenhada (ECSBD: Escala Ajustamento Social (Matos, 1993) demonstraram a superioridade desta escala, em comparação com a Rathus nomeadamente a sua capacidade de discriminação entre a agressividade e a assertividade. Tanto os estudos de Matos como os de Nahama, de Petit e de Sacchi aqui descritos têm confirmado a validade da ECSBD na detecção de comportamento social agressivo em situações da vida quotidiana em adolescentes com dificuldades de adaptação na escola.

A utilização da ECSBD com adolescentes em clínica pode-se mostrar útil em termos de prevenção.

Verificou-se que a sensibilidade do ECSBD permite medir a evolução ipsativa de jovens com grande dificuldade de adaptação social. Em clínica, começou a ser utilizada esta ferramenta como apoio de dramatizações, envolvendo a comunicação de emoções sociais adequadas.

A validade ecológica do instrumento pode ser melhorada introduzindo, depois da avaliação espontânea, uma fase de identificação *a posteriori* pelo jovem, da natureza das respostas dadas e gerando outras respostas espontâneas no vocabulário específico dos adolescentes com o fim de facilitar a flexibilidade no uso dos diferentes comportamentos verbais interpessoais.

A tomada de consciência da variabilidade das respostas possíveis e da sua utilização diferenciada na transmissão das de emoções, aceitável para o ambiente social, pode alterar a discriminação entre a semânticas dos diferentes meios de pertença e pode permitir a identificação de como operam as respostas socialmente determinadas.

Se a ECSBD conseguir incentivar os adolescentes a uma melhor descodificação e uso da comunicação interpessoal adequada, poderá ser utilizada na psicoterapia de jovens com perturbações do comportamento social, (quer na sua versão passiva quer na sua versão agressiva), ajudando a identificar e a estabelecer flexibilidade e adaptação à mudança nas relações sociais, corrigindo o viés de

atenção excessivamente auto-centrado e os viés de atribuição que afectam as populações com dificuldades de comportamento social.

Este instrumento parece assim da maior importância não só para a avaliação das dificuldades do comportamento social (no espectro da fobia social à agressividade interpessoal), como também para a intervenção preventiva e psicoterapêutica junto de jovens com ansiedade social/fobia social ou com grande agressividade interpessoal. Neste momento está a ser ultimada uma versão interactiva da ECSBD em CD rom que facilitará o seu uso na avaliação e na intervenção.

REFERÊNCIAS

Argyle, M. (1981). *The psychology of interpersonal behaviour*. Harmndsworth: Penguin Books. 213-285.

Boisvert, J & Beaudry, H (1979) *S'affirmer et communiquer*, Canada: Ed de l'homme

Buss A., Perry M. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of personality and social psychology,* 63: 452-459

Caballo, V. (1982). Los componentes conductales de la conducta asertiva, *Revista de Psicologia Geral y Aplicada*, 37, (3), 473-486.

Caballo, V. (1987). *Teoria, Evaluation y entrenamiento de las Competências sociales,* Valencia: Promolibro.

Cottaux, J (1979) *les thérapies comportementales*; Paris:Masson

Elliot, S., & Busse, R. (1991). Social skills assessment and Intervention with children and adolescents, School Psychology, 12, 1/2, 63-84.

Felner, R.; Lease, A.; Philips, R. (1990) Social competence and the language adequacy as a subject for psychology: a quadripartite trilevel framework. In: R. Montemayor (ed) *Developing Social Competency in Adolescence* 245-264, London, Sage

Matos, M.G. et col (2010) *Aventura social no CED: avaliação preliminar- segundo ano;* Lisboa: CED/FMH (relatório)

Matos, M.G. & Sampaio, D. (2009) *Jovens com saúde: diálogos com uma geração*: Lx: Texto-Leya

Matos, M. G. (2005). *Comunicação e gestão de conflitos e saúde na escola* Lx: CDI: FMH

Matos, M. G., Petit, F., Nahama-Fourguette, V., (2003). Scala di competenza sociale (ECSBD). In Pergolizzi, F. (Ed.), *Apprendisti adulti – Interventi di prevenzione e terapia con gli adolescenti*, (373-378), McGraw-Hill, Milão.

Matos, M. Gaspar (2003) "Competences socialles chez des adolescents présentant des problèmes de comportement", *VIII Latini Dies*, Université de Liège, Bèlgica.

MATOS. M; (2002). Quelques aspects relatifs au traitement de la délinquence juvenile – programmes de modifications de comportements – application à la delinquence", European Conference on Probation, *Atelier de Travail de la Conférence Européenne sur la délinquence juvenile;* IRS/MJ, CEJ: Lisboa

MATOS, M. GASPAR; SIMÕES, C.; CARVALHO, S.; & REIS, C. (2001). Social Competence promotion with juvenile offenders, in the community. *World Congress of Behavioural and Cognitive Therapies.* Vancouver.

MATOS, M. (1999) Programmes de competence sociale avec des adolescents en risque, workshop, *Journées Françaises de l' AFTCC*, Paris

MATOS, M. G. (1998). *Comunicação e gestão de conflitos na escola* Lx: CDI:FMH / IRS.

MATOS, M. GASPAR (1997) "Aventura social na multicultura". *Análise Psicológica*, 3, XV, 425-431.

MATOS, M. G. (1997). Social Behaviour among juvenile offenders Simpósio Anger treatment and management of agressive behaviour. *XXVII Congress of EABCT*: Veneza. Italia

MATOS, M. G., NAHAMA, V., PETIT, F. & SACCHI, D. (1997). Échelle de Competènce Sociale en BD. Paris: *Societé des gens de Lettres de France* (Y4902).

MATOS, M. (1996) "Body, movement and socialization: cross cultural issues". *XXVI Congress of the EACBT*: Simpósio "Evaluation and intervention: children and adolescent issues". Budapeste.: Hungria

MATOS, M. G. & col. (1995). Avaliação do comportamento social nos adolescentes: alguns factores de risco. In Silva & col. (Ed.), *Os Jovens e a Justiça*. Lisboa: APPORT.

MATOS, G. M., SACCHI, D.; NAHAMA, V., PETIT, F., (1995). Uno strumento transculturale di valutazione della competenza sociale. Conferência Internacional *IV Latini Dies*, México; Guadalajara, Mexico

MATOS, M. G. (1994b) "Interpersonnal behaviour: a new method for assessment and some results with a psychiatric population" no Simpósio "Reabilitazione in Psichiatria, II *International Congress on Behaviorism and the science of Behavior*: Palermo: Italia

MATOS, M. G. (1994a) "Cognitive Behavioral assessment and interventions with children and adolescents". *XXIII Annual Congress of EABCT*. Corfu. Grécia

MATOS, M. G. (1993) "Evaluation de la competence sociale chez des adolescents, utilisant des situations en bande dessinée". Simpósio "Therapie cognitive et comportementale chez les adolescents". *III Latinie Dies.* Toulouse.

MATOS, M. G.; FONSECA, V; PETIT, F; NAHAMA, V; AYOUB M. (1992) "Assertiveness and social behavior problems: evaluation and cultural issues". Simpósio "Social skills training with children and adolescents" *XXII Annual Congress EABTC* HUC: Coimbra: Portugal

MATOS, M. G. (1991b) "Behaviourally disordered adolescents: evaluation and training". *XXI Annual Congress of EABCT:* Oslo: Noruega

MATOS, M. G. (1991a). Evaluation des problèmes de comportement social chez des adolescents. *II Latini Dies.* Barcelona, Espanha.

MCCORMICK, L. (1984) A simple version of the Rathus assertiveness schedule; *Behavioral Assessment*, 7, 95-99

MCFALL, R. (1982). A review and reformulation of the concept of social skills. *Behavioral assessment* (4), 1-33.

NAHAMA, V; MATOS, M; PETIT, F; SACCHI, D. (1997). Assessing social competence in clinical and school settings: constructing relevant and transcultural tools – the example of Escala de Competencia social em BD. In Simpósio Child and adolescent problem. *XXVII Congress of EABCT.* Veneza. Itália

NAHAMA, V., PETIT, F., DEMARS, N., AYOUB, M.P., LÉGERON, P. (1997) Groupe d'entrainement aux compétences sociales avec des adolescents en échec scolaire. *V Congresso LATINI DIES*, Lisboa: Portugal

NAHAMA., F PETIT., M. P. AYOUB. (1995) Assertividade e Agressividade: novos instrumentos de avaliacao. *XXV Congress of the European Association for Behaviour Therapy* Lisboa: Portugal

PETIT, F., NAHAMA, V., AYOUB, M. P. (1996) Aggressives responses, hostility, sensitivity and inadequate social responses of youngsters with learning disabilities. *XXVI Congresso E.A.B.C.T* Budapest: Hungria

PETIT., M. P. AYOUB., V. NAHAMA., J. LAGET, P. LEGERON. (1994) Aggressive, inhibited and assertive responses in social situations as related to gender: a developmental issue, *XXIV Congress EABTC-:* Corfou: Grecia)

POPE A., MCHALE S., CRAIGHAED E. (1992). *Migliorare l'autostima*. Ed Erikson.

SACCHI, D. (1995) Le poids et la competence sociale Conferência *Internacional IV Latini Dies,* México; Guadalajara, Mexico

SACCHI D, MASCELLINO R., PARODI S. (1997). Aggresivennes and Communication style in Adolescents: North and South are different in Italy? *XXVII EABCT Congress*, Venice, Italy

SACCHI D., PARODI S. (1996). Correlation between Self Esteem and Communication Skills in Adolescence. *XXVI Congress of EABCT.* Budapest, Hungary

SACCHI, D. (1995) Le poids et la competence sociale Conferência *Internacional IV Latini Dies,* México; Guadalajara, Mexico